muito importante, que passava desapercebida.

"MINEIRO" DE MINAS GERAIS?

Muita gente pensa que bicho "mineiro" quer dizer que êle veio de Minas Gerais. Puro engano: o bicho tem êsse nome porque faz minas dentro das fôlhas do cafeeiro. Quem examina uma fôlha atacada, vê logo manchas irregulares, grandes e pequenas, de côr marron, devidas às larvas do bicho mineiro que, muito pequenas, vivem dentro da fôlha, entre as páginas superior e inferior. À medida que crescem, aumenta a área destruída e, porisso, aparecem as manchas características. Quando o bicho mineiro encontra condições favoráveis, em poucos meses invade todo o cafézal. A essa altura, quem olha sua lavoura, pensa logo em um desastre: tôdas as fôlhas sapecadas e uma quantidade colossal de folhagem derrubada.

UM METRO DE MARIPOSAS

A larva do bicho mineiro, depois que alcança o maior desenvolvimento, sai de dentro da fôlha. Muitas despencam do lugar de ataque, por um fio que tecem e se escondem nas fôlhas caídas; outras, na própria fôlha de alimentação, tecem um pequenino casulo e aí se encrisalidam. O casulo é fácil de se achar: basta procurar-se na face inferior das fôlhas um característico X de fios de seda. Da crisálida, finalmente, emerge o adulto: uma diminuta mariposa de côr prateada, muito ativa na postura de ovos, os quais deposita sôbre as fôlhas. Essa mariposa é tão pequena que, se quiséssemos enfileirar uma atrás da outra para dar o comprimento de 1 metro, precisaríamos de 450 mariposas!

Na época de abundância da praga é fácil reconhecer a sua presença: basta sacudir a sáia do cafeeiro para que uma enorme quantidade de mariposas esvoacem alvoroçadas.

ESCOLHA DO "VENENO"

Para combater o bicho mineiro, o inseticida recomendado é o BHC com 1,5% de isômero gama (seu princípio ativo). Antigamente, encontravam-se no mercado três concentrações diferentes: a 1 %, a 1,5 % e a 2 %. Era a modalidade comercial mais democrática possível: aqueles que desejavam um tratamento mais em conta, preferiam o BHC a 1 %; os lavradores que esperavam uma ação mais enérgica, optavam pelo 2 %. Entretanto, a maioria usou o 1,5 %, como a justa medida para os fatôres economia e eficiência, e essa é a dosagem que goza de maior popularidade.

Outra padronização que vai ganhando terreno é a resposta à pergunta: o que é melhor, fazer a mistura na fazenda ou encomendá-la pronta de uma firma especializada? A princípio, houve tendência para o próprio cafeicultor adquirir um misturador de bolas e preparar o seu inseticida, a partir do BHC concentrado e pó inerte. A experiência porém, ensinou que as dificuldades de obtenção de mistura perfeita e mão de obra especializada eram maiores que a pequena economia da fabricação doméstica. Sob muitos aspectos, convém adquirir o produto tècnicamente dosado e garantido pelo fabricante. Apesar do exposto, ainda existem lavradores que preferem manipular suas misturas. Êles, então, adquirem o chamado BHC 12 % e pó inerte, e fazem a diluição tomando por base uma parte do inseticida para sete partes de pó inerte, para a obtenção do BHC com 1,5 % de isômero gama.

> *PÉ DE CAFÉ NÃO É PESSEGUEIRO!...*
>
> *O lavrador experiente, quando observa o vigor da florada principal do café, pode avaliar com segurança a carga futura. E ao cafeicultor assim traquejado, não iludem os cafeeiros que, embora com abundância de flôres, se acham completamente despidos. Êle sabe que "café não é pessegueiro" e que para uma boa "pega" da carga, as árvores precisam estar enfolhadas.*
>
> *Três fatôres contribuem enérgicamente para a desfolha do cafezal: o rigor da sêca, no inverno, pela falta de água no solo; o método brutal, que muitos colonos usam, de malhar o cafeeiro na colheita; e uma praga, o bicho mineiro, que destrói os tecidos das fôlhas e provoca sua queda prematura.*
>
> *Quando o cafeeiro não sente a falta de água e a colheita não o maltrata, é fácil verificar como um ataque maciço do bicho mineiro acarreta a sua desfolha. Daí a importância do contrôle dessa praga. Êste ano, por exemplo, inúmeras lavouras do município paulista de Jaú, que foram tratadas em 1951 contra o bicho mineiro, chegaram a produzir quase o dobro de sacos, em comparação com outras, cujos donos acharam que era um desperdício fazer o polvilhamento.*
>
> *Hoje, por causa disso, já se está considerando que combater o bicho mineiro é ajudar o cafezal a produzir mais...*

POR QUE MORRE O BICHO MINEIRO

Um cafeicultor, não familiarizado com o combate ao bicho mineiro, em geral, não sabe o seguinte: como é que a lagarta que vive dentro da fôlha, pode morrer com um pó que se distribui sôbre as plantas e não a atinge diretamente? Para responder bem, precisamos explicar que nessa dúvida existem duas verdades: o inseticida controla o bicho mineiro e a sua larva está completamente protegida dentro da fôlha. Agora, a "revelação": o inseticida aplicado na lavoura apenas se destina a combater as mariposas e as lagartas que saem para fazer o casulo. Êsses são os pontos vulneráveis da praga e, assim, contorna-se a dificuldade aparente do combate.

QUANTIDADES E ÉPOCAS

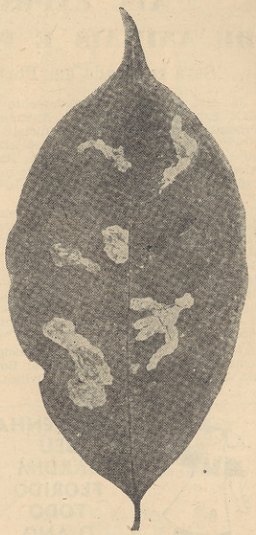
Um contrôle eficiente do bicho mineiro exige uma distribuição média de 40 quilos de pó inseticida por 1.000 pés e sua repetição de 2 a 4 vêzes, dependendo da intensidade do ataque.

O bicho mineiro, nas condições de São Paulo, inicia o seu aparecimento quando escasseiam as chuvas, no início do período da sêca. Principalmente nos anos de inverno sêco, pode desenvolver-se assustadoramente. Assim, recomenda-se iniciar o tratamento logo que se notam os primeiros sintomas: de abril a maio, faz-se o primeiro polvilhamento e os subseqüentes cada 20 ou 30 dias, interrompendo-se essas aplicações quando os trabalhos da colheita se tornam mais importantes.

PRAGA PUXA PRAGA

O uso contínuo do BHC está criando um novo problema nas lavouras de café. Em 1951, nas lavouras da Alta Paulista, começaram a aparecer as chamadas "aranhas vermelhas", diminutos ácaros que bronzeiam as fôlhas do cafeeiro, em conseqüência de seu ataque nocivo. Uns, disseram que tal se devia à eliminação dos parasitas dos ácaros pelo BHC; outros, afirmaram que lavouras nunca tratadas, de zonas longínquas também exibiam as "aranhas vermelhas". Enfim, existindo nova praga, realizaram-se experiências e constatou-se que o enxôfre, na concentração de 25 %, controla seu desenvolvimento.

Levando em conta que no ano passado a "aranha vermelha" sómente surgiu nos meses de agôsto e setembro, sugere-se como medida de combate a aplicação da mistura de BHC 1,5 % e 25 % de enxôfre, em substituição ao inseticida simples que se usaria, nos últimos tratamentos.



DAS POLVILHADEIRAS MANUAIS AOS AVIÕES PAULISTINHAS

Hoje não existem mais dificuldades na aplicação do polvilhamento das lavouras de café. Passou a ser rotina, já constante dos contratos dos colonos. Nos sítios usam-se pequenas polvilhadeiras manuais que fazem a cobertura de 800 a 1.000 plantas por dia; nas fazendas de 100 a 200 mil pés, quando já se limpou o terreno dos troncos deixados com a derrubada, as polvilhadeiras motorizadas, montadas em carretas ou tratores, correspondem às exigencias de tratamento rápido e eficiente; e para as grandes lavouras, recorrem-se aos polvilhamentos aereos, que inúmeros aviadores experimentados realizam com os aviões paulistinhas.